

## Lula, os Kirchner e a inflação

Dionísio Dias Carneiro

Economista, diretor da Galanto Consultoria e do IEPE/CdG

18 de junho de 2008

Países podem escapar dos colapsos econômicos, quando governantes, tentados a seguir conselheiros tontos, não perdem de vista quem paga os custos políticos dos erros de seus estrategistas. Brasil e Argentina são economias que estagnaram por vinte anos de inflação desorganizadora. Saíram da hiperinflação por caminhos diferentes: o Brasil conseguiu evitar o colapso financeiro com o Plano Real, o Proer, a Lei de Responsabilidade Fiscal, as metas de inflação e a flexibilidade cambial; a Argentina sofreu duas hiperinflações e não organizou sua moeda, deu o maior calote da história e hoje volta às manchetes em meio a uma crise institucional cuja causa é a gestão incompetente.

Os dois países produzem, hoje, o que o mundo demanda. Mas mostram perspectivas tão diversas para o futuro, dado o contraste entre Lula e os Kirchner.

Cristina Kirchner já perdeu o apoio dos eleitores que a conduziram ao poder há apenas seis meses. Já os políticos brasileiros se preocupam com um terceiro mandato para Lula. Só isso mostra o poder que Lula ainda tem para diminuir a incoerência entre a política fiscal e a política monetária. Ele sabe que a inflação é inimiga de sua popularidade.

Alguns meses depois de vários economistas terem alertado para os perigos da combinação de inflação importada com excesso de gastos públicos e algumas semanas depois do consumidor ser atingido pela alta dos preços, o governo percebe que a inflação desafia o teto do intervalo da meta para 2008. Ainda há tempo para evitar uma inflação embaraçosa em 2009.

Sem abandonar seu otimismo magnético, que atrai aliados e votos, o Presidente reuniu a equipe econômica e deu o tom: deixem as celebrações para mim, e concentrem-se na solução dos problemas que vão atingir maioria que importa, os eleitores que sofrem com a inflação.

Os ouvidos de Lula devem estar roucos de ouvir conselhos para que seguisse o exemplo da Argentina. Pela incapacidade demonstrada por esses interlocutores de antecipar-se aos fatos, lembram os estrategistas dos Kirchner.

Lula não se deixou encantar pelo exemplo dos *hermanos*. Em contraste com os Kirchner, não comprou sua re-eleição com dinheiro público, promessas impossíveis e políticas insustentáveis. Foi re-eleito a despeito da rejeição petista à política macroeconômica desde o primeiro ano de governo, mostrou paciência e conduziu o país do “crescimento medíocre” ao grau de investimento.

Já a Argentina ruma para uma nova crise de dívida, mesmo tendo passado pelo calote, e a inflação caminha para os 30% ao ano. Os dois Kirchner usaram o manual do que não fazer: distribuição de renda na marra, protecionismo até contra os vizinhos do Mercosul, transformaram produtores em inimigos, criaram impostos sobre exportações, proibições e quotas para “garantir o abastecimento interno”, adotaram a retórica estruturalista dos anos sessenta, doutrinas da conspiração universal contra o progresso latino, controles de

preços, falsificação de índices. As doses maciças de demagogia encurralam agora seus governantes.

No Brasil, a preocupação em diferenciar o segundo mandato de Lula do período onde teriam predominado os “tecnocratas neoliberais” dificulta a decisão racional. Primeiro, tentou-se reduzir a crise financeira externa a um problema “dos outros”, usando-se os preços externos favoráveis para justificar a política macroeconômica expansionista “voltada para a oferta”. Ignorado o sinal de alerta, o impacto da inflação encontra a economia superaquecida e com expectativas desfavoráveis.

Se Lula não quiser passar para a História como o Presidente que trouxe de volta a desordem inflacionária, terá de reduzir o ritmo de expansão do crédito e da despesa pública, pois o papel solitário do COPOM não é mais suficiente para manter a inflação de 2008 abaixo do limite superior da meta (6,5%). Para impedir que os preços externos prolonguem o aumento da inflação interna, a política macroeconômica precisa reverter o aumento da inflação esperada para 2009, em vez de gerar demanda que alimenta os repasses.

Em contraste com os Kirchner, que não controlam nem seu partido, Lula controla o Congresso. Mas seus aliados dissipam energia com a CSS em vez de usá-la para recuperar a confiança na inflação baixa. A bolha argentina já acabou na desordem de sempre. Ainda se pode evitar que a boa fase brasileira seja vista como uma bolha.